

1

Introdução

“Todos os dias é um vai-e-vem, a vida se repete na estação. Tem gente que chega pra ficar; tem gente que vai pra nunca mais; tem gente que vem e quer voltar; tem gente que vai e quer ficar; tem gente que veio só olhar; tem gente a sorrir e a chorar...”

M. Nascimento e F. Brant

A participação dos jovens nos processos de globalização que estamos vivenciando nos últimos anos tem sido alvo de estudo de pesquisadores de diversas áreas. Além de sua participação no uso ativo dos avanços tecnológicos para divulgação e troca de informações, os jovens também participam dos processos de trocas culturais a partir de seus deslocamentos físicos, auxiliando a troca de informações face-a-face, entre diferentes espaços e diferentes culturas. As viagens a curto ou longo prazo para outros países aumentam a possibilidade de conhecer outros territórios, outras idéias, outros conceitos, bem como de levar aspectos de sua cultura para outros locais. Ao estudar a mobilidade dos jovens na sociedade contemporânea, Bucholtz & Skapoulli (2009, p.1) apontam a relevância dos seguintes temas de pesquisa:

o reconhecimento dos jovens como agentes sociais que se movem e cruzam as fronteiras nacionais tanto física quanto simbolicamente; o papel das práticas etnográficas locais nas investigações de fenômenos transnacionais e globais e, especialmente, a centralidade da interação como local primário da vida social; e o significado da linguagem como recurso primordial para a articulação e negociação de processos, relações e identidades sociais.¹

Uma destas mobilidades empreendidas por jovens, que será tratada neste estudo, é o programa de “ intercâmbio cultural”, também denominado por Rezende (2006) como “ intercâmbio escolar”. O programa tem por objetivo levar o jovem a viver por um período em outro país, de forma a conhecer outros padrões de vida e formas de socialização e é promovido por instituições que são responsáveis pela escolha da família (ou das famílias, em alguns casos) que receberá o adolescente.

No presente estudo, o foco se volta para um programa de intercâmbio cultural cuja coordenação é feita em Juiz de Fora, Minas Gerais. Este programa

¹ Todas as citações cujas referências se encontram em língua inglesa foram por mim traduzidas.

traz para o Brasil jovens de diferentes nacionalidades, estudantes de ensino médio, e oferece a jovens brasileiros a oportunidade de ir para diferentes países. Entre 2007 e 2008, período da pesquisa, vieram para o Brasil seis jovens de diferentes países – dois dos Estados Unidos, um da Dinamarca, dois da Bélgica e um do México –, para participar do programa de intercâmbio em cidades de pequeno e médio porte do interior de Minas Gerais – Juiz de Fora, Além Paraíba, Ponte Nova, Muriaé e Cataguases.

Ao virem para o Brasil, estes jovens convivem com a rotina de “suas famílias” hospedeiras por um ano. Eles trocam experiências, aprendem sobre as escolas, os hábitos e o cotidiano das pessoas com as quais lidam. Pelas viagens, têm a oportunidade de conhecer as diversidades (tanto lingüísticas, quanto culturais) do país e têm o desafio de conviver com as diferenças. A intensidade das experiências que vivem costuma ser tamanha a ponto de criar entre estes jovens a categoria identitária de “intercambistas” (Rezende, 2006, p.110).

Segundo as definições do órgão responsável por este intercâmbio², ao passarem um ano em outro país, os jovens têm a oportunidade de viver por um tempo em uma outra cultura de forma a conhecer novas pessoas e passam a ser mais tolerantes em relação às diferenças culturais que existem entre os países.

Ao pensar no intercâmbio como uma forma de fluxo cultural, é importante pensar nas configurações e reconfigurações do papel destes jovens como agentes sociais. Como afirmam Bucholtz & Skapoulli (2009, p.2), “os fluxos culturais entre fronteiras nacionais são negociados e (re)significados, particularmente entre jovens, que freqüentemente constituem a vanguarda da adaptação e inovação sociocultural”.

A primeira indagação da pesquisa surge assim em relação às questões de ordem sociocultural no desafio dos estudantes em viverem em um país estrangeiro. Em um mundo em constante mobilidade das pessoas, questões culturais não são mais pautadas somente pelas diferenças culturais, mas pelos entre-lugares vivenciados entre a cultura de origem e a cultura do “outro” (Santos, 2002; Bhabha, 2007; Pereira & Santos, 2009). Como serão esses entre-lugares de ordem sociocultural e lingüística vivenciados pelos estudantes, que estão em contato com as famílias que os recebem, com a escola, além de outros contextos

² Por questões éticas, o nome do órgão responsável pelo intercâmbio não será mencionado.

sociais em cidades do interior de Minas? Além disso, como esses jovens se posicionam como “estabelecidos” ou como *outsiders* (Elias & Scotson, 2000) em relação a seus países de origem e em relação ao país que os recebe?

Uma segunda questão da pesquisa envolve como mostrar a construção desses entre-lugares culturais e lingüísticos nas entrevistas realizadas com os estudantes, na chegada e no decorrer da permanência no país de intercâmbio. Narrativas de deslocamento vêm tematizando mudanças na vida das pessoas, de natureza espacial/territorial, social, cultural, moral (Baynham & De Fina, 2005, p.1-5), emocional (Pereira & Santos, 2009), envolvendo as orientações em mundos sociais; as práticas de deslocamento e de espacialização; e os deslocamentos institucionais (Pereira, 2009). Outras abordagens teóricas sobre as grandes narrativas (Bamberg, 2006; Freeman, 2006), as pequenas narrativas (Georgakopoulou, 2007; Bamberg & Georgakopoulou, 2008) e narrativas de experiência pessoal (Labov & Waletzky, [1967] 2003; Labov, 1972) junto às narrativas de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005), podem auxiliar no viés analítico da construção discursiva dos entre-lugares socioculturais e lingüísticos.

A questão de como trazer a construção dos entre-lugares, no contexto das narrativas, nos remete também ao terceiro desafio da pesquisa, de ordem metodológica. Para analisarmos como os estudantes de intercâmbio retratam os processos de deslocamento pelos quais passam, desde os primeiros preparativos para a viagem, passando pelo período de permanência no Brasil, até o retorno a seus países, à terra natal, foram feitas entrevistas de pesquisa em diferentes momentos e de tipos diferenciados: entrevistas em grupo e individuais; face-a-face e mediadas por computador, com o uso de digitação e de recurso de voz; em processo longitudinal, trazendo diferentes contextos de interação nas trajetórias de experiências. As entrevistas foram feitas na chegada, na permanência e no retorno ao país de origem, buscando trazer construções e reconstruções identitárias, ao longo do percurso.

Alternâncias de código no decorrer das entrevistas mostraram o processo de aprendizagem e uso da língua portuguesa e foram de grande relevância para trazer a construção e reconstrução dos entre-lugares, na medida em que os dados apontam tanto para a aceitação como para a rejeição da “nova” língua em aprendizagem, por parte de cada um dos estudantes.

Os objetivos do presente estudo consistem em mostrar:

- i) a natureza das narrativas co-construídas nas entrevistas de pesquisa, com contagem e recontagem de experiências coletivas e individuais nos processos de deslocamento;
- ii) as construções identitárias do “eu” e do “outro”, em posicionamentos junto às famílias, à escola, ao aprendizado da língua portuguesa, especialmente nos entre-lugares culturais, envolvendo a decisão de participar do intercâmbio, a viagem e a chegada; a convivência e a comunicação cotidiana com brasileiros nas cidades de residência e viagens pelo Brasil; o retorno aos seus países e a recepção por familiares e amigos.

Para responder às perguntas de pesquisa, desenvolvo este estudo com base na divisão apresentada a seguir.

No capítulo 2, apresento e discuto abordagens teóricas da narrativa, ressaltando aspectos relevantes para o estudo das narrativas dos intercambistas. As narrativas de deslocamento (Baynham & De Fina, 2005), vistas como *loci* de construção dos sujeitos em suas trajetórias como atores sociais, embasa este estudo. A narrativa é apresentada como um contexto de interações sociais, negociada pelos interagentes (Sacks, 1972). A entrevista de pesquisa (Mishler, 1986) é vista como forma de co-construção de narrativas que mostram configurações e reconfigurações identitárias dos sujeitos envolvidos. Grandes narrativas (Freeman, 2006) e pequenas narrativas (Georgakopoulou, 2007) dos intercambistas nas entrevistas de pesquisa são analisadas com base nos elementos estruturais recorrentes nas narrativas, apresentados por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972), e com base nas redefinições da “orientação”, como proposto por De Fina (2010).

O capítulo 3 traz o aporte teórico das relações entre o “eu” e os “outros”, a partir de categorizações advindas de identidades sociais (Ochs, 1993; Day, 1998), sejam elas identidades sociais (Cuche, 2002), ou coletivas (Snow, 2001). Ao fazerem categorizações que indicam pertencimento ou não a um dado grupo, os intercambistas se posicionam como estabelecidos ou *outsiders* (Elias & Scotson, 2000), em cada contexto social. Assim, constroem suas identidades de entre-lugar (Bhabha, 2007), demarcadas pela duplicidade de estar “aqui” e ser de “lá” (Batista, 2007). Também neste capítulo discuto alguns estereótipos sobre “os

brasileiros” mantidos tanto internacionalmente, como nacionalmente (Rezende, 2009; Freitas, 2006).

O capítulo 4 reflete as orientações metodológicas da pesquisa, que é de cunho qualitativo e interpretativo (Denzin & Lincoln, 2006). A visão interacional da entrevista de pesquisa, como demonstrado por Baker (2001) e por Mishler (1986) é apresentada. Em seguida, apresento as questões teóricas relacionadas à realização de entrevistas em grupo e de entrevistas individuais (Fontana & Frey, 2000). Apresento as três etapas da pesquisa, que foi realizada em um processo longitudinal e contou com uma entrevista em grupo, entrevistas individuais, face-a-face e mediadas por computador. A transcrição dos dados foi feita a partir de orientações da Análise da Conversa, com base no trabalho de Gago (2003).

Nos capítulos 5 a 8, analiso os dados com base nas narrativas de deslocamento apresentadas pelos estudantes. Acrescento às discussões apresentadas nos capítulos teóricos a questão da tomada de turno (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003) e as repetições e usos do discurso direto e indireto (Tannen, 1989), como forma de categorização e demonstração de pertencimento ou não pertencimento a um dado grupo de atores sociais.

O capítulo 5 apresenta o primeiro momento do intercâmbio, começando com a decisão de vir para o Brasil, os preparativos para a viagem, o deslocamento físico da viagem de vinda e a chegada e recepção pelos familiares brasileiros.

No capítulo 6, apresento a convivência dos intercambistas no Brasil, com seus familiares e amigos, na escola, suas rotinas e os relacionamentos com a língua portuguesa.

O capítulo 7 refere-se especificamente aos deslocamentos dos intercambistas pelo Brasil, em diferentes estados e cidades.

O capítulo 8, último capítulo de análise, refere-se aos preparativos para a volta, à viagem de retorno, à recepção pelas famílias e amigos em seus países de “origem” e à retomada de suas rotinas.

Estes quatro capítulos de análise representam os processos de deslocamento enfrentados pelos intercambistas, desde a decisão de vir para o Brasil até o momento no qual retornam para suas famílias de origem.